

## **Além do Holocausto, o livre-arbítrio da representação ficcional em diferentes mídias.**

Thamilis Tatylla G Avelino\* (IC), Émile Cardoso Andrade (PQ)

E-mail: [thamilistatylla@gmail.com](mailto:thamilistatylla@gmail.com)

Universidade Estadual de Goiás, campus Formosa-GO

Resumo: A ficção dispõe de certa forma uma liberdade representacional em diferentes meios artísticos, usando frequentemente como base um contexto histórico. Essa pesquisa parte de uma análise centrada nessa liberdade, utilizando como ponto de partida o Holocausto, que tem se tornado progressivamente um dos assuntos mais citados na contemporaneidade, tanto nas artes como em diferentes mídias. Com isso, fotografias, obras cinematográficas, romances, quadrinhos e outros, se tornaram as maneiras mais utilizadas para retratar tal contexto. Diante deste fato, a proposta é fazer uma análise teórica e intermediática sobre a ficção, refletindo sua forma particular de criar e representar, passeando pelos “bosques da ficção”, usando como objetos de estudo o romance gráfico *Maus* (2005), do sueco Art Spiegelman, *O menino de pijama listrado* (2008), do diretor e roteirista britânico Mark Herman. Com base nos conceitos Aristotélicos sobre mimeses e verossimilhança, abordando o que Roland Barthes chama de “efeito de real”, surgem diferentes olhares sobre a narrativa.

Palavras-chave: Holocausto. Representação. Ficção. Quadrinho. Romance. Cinema.

### **Introdução**

Poder. Segregação. Exclusão. Homicídios. Palavras que fizeram parte do Holocausto, mas que também podem servir à ficção; como base para o enredo de um romance; uma trama trágica do cinema; ou uma história em quadrinhos representada através de personagens metafóricos. Diante deste fato, temos como proposta apresentar uma análise teórica e intermediática sobre a ficção, refletindo sua forma particular de criar e representar, passeando pelos “bosques da ficção” (ECO, 1994). Embora o Holocausto seja um fato do século XX, as teorias que foram utilizadas e as discussões são atuais, traçando paralelos com discussões contemporâneas dos estudos literários de representação e intermídias.

Indubitavelmente, a pesquisa é pertinente, a partir do ponto em que a literatura é um vasto campo de estudo, com diferentes objetos. Utilizam-se como base os conceitos Aristotélicos sobre mimesis – representação, imitação, e verossimilhança, e abordando o que Roland Barthes chama de “efeito de real” (BARTHES, 2004). Com essa afirmação, faz-se necessário ao analisar uma obra

literária, compreendê-la dentro do contexto em que foi escrita e quais detalhes são importantes para a compreensão da mesma.

### Material e Métodos

Partimos de uma leitura e compreensão da ampla biografia sobre o Holocausto. Com isso, foi possível ter uma base de suma importância para as outras etapas da pesquisa. Obras lidas como *Minha luta*, escrita pelo líder do partido Nazista Adolf Hitler e *A indústria do Holocausto* (FINKELSTEN, 2001); Documentários como: *Noite e Neblina* (1955), dirigido pelo francês Alain Resnais e *Arquitetura da destruição* (1989), dirigido pelo sueco Peter Cohen; Filmes como: *A Lista de Schindler* (1993), do americano Steven Spielberg e o *Diário de Anne Frank* (1959) do americano George Stevens, entre outras obras, proporcionaram o entendimento mais detalhado do contexto exposto.

Também foram levantadas leituras sobre a narrativa literária tais como (SANTOS, 2001; BARTHES 2004; ISER,1996;), leituras também sobre a teoria de comunicação e intermídias (BULHÕES, 2009; MÜLLER, 2007; MACHADO, 2010), além de teoria sobre a estética dos quadrinhos (EISNER,1999).

Esses estudos proporcionaram uma articulação entre as leituras dos romances com as teorias e bibliografias, envolvendo também a articulação com obras cinematográficas e quadrinhos, com suas respectivas teorias.

### Resultados e Discussão

O Holocausto tem se tornado cada vez mais um dos assuntos citados na contemporaneidade, tanto nas artes como nas formas midiáticas. Com isso, as fotografias, obras cinematográficas, romances, quadrinhos, entre outros, se tornaram as formas mais utilizadas para representar o contexto histórico citado. Segundo Sontag (2003), a imagem, em especial a fotografia, atraiu um imediatismo e uma autoridade maior que o relato verbal para propagar os horrores da produção de morte em massa. Diante desse obstáculo da palavra, a proposta da imagem é agir mutualmente com o texto como forma de expandir as fronteiras do representável. Diante desse fato, a imagem exerce um papel fundamental no texto, sendo possível destacar algumas informações em destaque. Uma reprodução imagética traz uma síntese de traços, cores, entre outros elementos visuais em simultaneidade.

Uma forma pluridisciplinar, fazendo essa interação de texto-imagem para representar o Holocausto é possível ser encontrada no quadrinho ganhador do prêmio Pulitzer *Maus* (1986-1991) – “rato” em alemão – produzido pelo ilustrador e cartunista Art Spiegelman, um judeu sueco, filho de Vladek e Anja Spiegelman. A obra em geral narra a luta pela sobrevivência de seu pai – um judeu polonês – durante o Holocausto, tendo como embasamento o testemunho do mesmo. Segundo Eisner (1999), a obra é considerada um *graphic novel*, ou um romance gráfico, forma de classificar um tipo particular de quadrinhos que transforma a literatura e história em quadrinhos *comics*. Essa classificação tem um caráter biográfico e romanesco.

*Maus* é um quadrinho autobiográfico, pelo simples fato de Art Spiegelman mostrar uma conturbada convivência com seu pai, e as marcas deixadas pelo trauma da guerra, que pode ser considerado em parte também seu. A obra também tem caráter biográfico, pois narra a perseguição dos Nazistas, sofrimento e humilhação que Vladek passou durante toda a guerra, o que acabou levando-o para Auschwitz, com isso o autor mostra certa verossimilhança no quadrinho, mostrando uma literatura testemunho. Pode-se dizer também que a trama é metaficcional, que segundo Gustavo Bernardo (2010), é o fenômeno estético autorreferente através do qual a ficção duplica-se por dentro, falando ou contendo si mesma. Spiegelman mostra grande parte da construção da obra dentro da própria obra.

O autor também utiliza do antropomorfismo – concepção de personagens com feições de acordo com a posição social e política estabelecida durante a Segunda Guerra Mundial – dessa maneira, os judeus são ratos; alemães, gatos; poloneses, porcos, e assim por diante. *Maus*, em resumo, é uma paródia de estereótipos pré-fixados.

Ao utilizar a imagem em conjunto com o texto nota-se que as “barreiras de representação” em grande parte se quebram, visto que as formas representativas se duplicam, podendo uma auxiliar na figuração da outra. Segundo Eisner (1999), quando texto e imagem se interagem, produzem um amálgama onde a imagem já não serve apenas para descrever, mas também para fornecer sons e diálogos. Com isso, há uma criação representativa que pode aprofundar as sensações despertadas no leitor. Com a figura 1, é possível observar que há uma sensação de forma mais direta em relação a expressão das cenas mortíferas produzidas pelos Nazistas.

Figura 2 – Representação das mortes nos crematórios em Auschwitz



In: SPIEGELMAN, Art. *Maus*: a história de um sobrevivente. Trad. Antônio de Macedo Soares. São Paulo: Companhia das Letras, 2005, p. 232.

Nota-se que em *Maus*, há a existência de dois tempos narrativos intercalados, o passado, segundo o testemunho sobre o Holocausto de Vladek, e o presente, criado a partir do convívio de Art com seu pai durante a produção da obra. Para fazer a diferença entre os dois tempos narrativos, o autor utiliza o requadro – contorno que se dá para limitar cada quadrinho. O passado (1939 -1945), diante das guerras, é claramente representado por um traço rígido, retangular ou quadrangular. E o presente é destacado por não ter requadro nem traços, expressando assim mais naturalidade pelo fato do presente estar acontecendo. De acordo com Eisner (1999), isso dá uma ilusão de espaço ilimitado.

Faz-se necessário mencionar também que o aspecto gráfico dos tempos narrativos também se diferencia, sendo que o passado tem traços pretos e brancos bem delineados, onde se encontra mais “preto do que branco”, dando a sensação de guerra e sofrimento, deixando muitas vezes uma leitura da imagem sufocante pelo excesso de informação. E o presente, onde há mais “branco do que preto”, traz uma percepção de um lugar mais calmo, demonstrando um ambiente menos opressor. O quadrinho abaixo mostra essa afirmação, onde Vladek narra o conflito entre alemães e poloneses. Os dois primeiros quadrinhos mostram o pai de Art ainda jovem, uniformizado como soldado polonês, no terceiro ele como prisioneiro dos alemães, e nos dois últimos já sem requadro estando já idoso narrando o conflito que passou quando estava confinado na base Alemã.

Figura 3 – Entre o passado e o presente: Representação do conflito ente Polônia e Alemanha e o pai relatando o conflito para o filho



In: SPIEGELMAN, Art. *Maus: a história de um sobrevivente*. Trad. Antônio de Macedo Soares. São Paulo: Companhia das Letras, 2005, p. 63.

*Maus* trás uma junção entre a realidade e a ficção, arquitetando uma representação o mais verossímil possível, com o intuito de convencer o leitor de forma eficaz. Faz-se necessário observar que a representação do Holocausto está, de certa forma, ligada a uma seleção de acontecimentos que um determinado representante faz em sua narração particular. Assim a realidade incondicional é tão impalpável quanto a própria ficção.

Outra ferramenta muito utilizada para representar o contexto em análise é o cinema, que ganhou grande destaque com importantes produções relacionadas com a Segunda Guerra Mundial. A obra cinematográfica *O menino do Pijama Listrado* (2008), adaptada pelo diretor britânico Mark Herman, é uma delas que trouxe distintas características que além de representar o Holocausto, permite a possibilidade de resgate ao passado, com sensações vividas no contexto histórico citado. Compreender a história com o auxílio do cinema ou outras formas midiáticas a torna mais empolgante, instigando o receptor a explorar possíveis fatos das entrelinhas da narrativa.

A trama tem como cenário a Alemanha, durante a Segunda Guerra Mundial. *Bruno*, protagonista do drama, um menino de apenas nove anos, puro e inocente – filho de um oficial do exército alemão – não possuía as ideias Nazistas, não sabia o que estava acontecendo em relação ao Holocausto e que seu país estava em guerra

com boa parte da Europa. Sabia apenas que foi obrigado a deixar sua casa na cidade para morar em uma região isolada, apenas com uma “fazenda/acampamento” – campo de concentração – cheio de pessoas de “pijama” – uniforme dos judeus.

Outro fato de suma importância mostrado no longa-metragem é a representação de que o Nazismo estava inserido tanto na vida pública como particular da Europa, enquanto as crianças judias sentiam na pele o regime autoritário e violento da NSDAP, as alemãs compreendiam na forma de matérias escolares ou manipulação através da mídia – um dado de suma importância adotada no longa-metragem é a utilização de trechos de um antigo vídeo de propaganda Nazista, que mostrava os campos de concentração como beneméritos cidades construídas por Hitler para dar aos judeus, onde ficariam felizes na sua segregação. Esse era o tipo de filmografias que passava nos cinemas alemães, era a forma de convencer a classe média do país de que a “higienização” proposta pelo III Reich era de benefício para todos – os adultos usavam maneiras de criar o senso crítico dessas crianças conforme os estereótipos trazidos de sua cultura.

Durante certa cena do longa-metragem, é possível observar isso, onde enquanto *Bruno*, está lendo um livro sobre o Nazismo, que seu professor particular lhe passou, abordando que ele precisava aprender mais sobre a história de seu país, do lado de fora está passando um caminhão levando de forma subumana os judeus para o campo de concentração. A grade simboliza essa divisão, e que o Nazismo se encontra de ambos os lados, porém de formas distintas.

**Figura 1:** Cena do filme *O menino de pijama listrado* (2008), dirigido por Mark Herman. Cena com aproximadamente meia hora de filme.



Fonte: <<http://megafilmeshd.net/>> (print)

A obra em um modo geral possui uma peculiaridade instigante, com uma narrativa que aos poucos vai mostrando o que período em que está inserida, dando

“pistas” para que isso seja possível, misturando a ficção e a realidade, tornando a obra verossímil. Um fato importante a ser mencionado é que a produção fílmica mostra uma perspectiva “inocente”, porém com certa ironia, pelo simples fato que o acontecimento mais impactante e trágico da história está sendo narrado a partir do olhar ingênuo de uma criança (Bruno), que não tem entendimento do que está incidindo no momento. A questão de a trama girar em torno de duas crianças, uma alemã e uma judia, mostra que ao observar a presença delas diante desse território de guerra, preconceitos, ódio e violência, é uma questão complicada e sensível de retratar. Já que a visão de mundo delas não se desenvolve da mesma forma que a dos adultos, as crianças têm uma “imaginação fértil”, gerando interpretações distintas e muitas vezes inocentes de acordo com a “visão pura” que possuem do que está acontecendo a sua volta.

Tanto a obra literária como o filme mostram uma sensibilidade, segundo Pesavento “como forma de ser e estar no mundo, a sensibilidade traduz-se em sensações e emoções, na reação quase imediata dos sentidos afetados por fenômenos físicos ou psíquicos, uma vez em contato com a realidade” (PESAVENTO, 2008, p.14). Com o final da guerra, e com a sociedade alemã percebe que de fato o campo de concentração não era o que as propagandas Nazistas queriam mostrar. O desenvolvimento dessa trama constrói gradativamente um sentimento – ou experiência – de ansiedade e perplexidade no expectador temos como exemplo disso a personagem *Elsa*, mãe de *Bruno*, que fica horrorizada com as condições humanas oferecidas aos judeus e a atitudes do regime nazista, e diante dessa realidade ela tenta criar uma proteção em relação aos filhos. O momento em que esse sentimento ganha voz é quando a personagem sente o cheiro de diferente de queimada no ar e ainda com a observação do Tenente Kotler: “*Eles cheiram ainda pior quando eles queimam, não cheiram?*” se referindo aos judeus mortos e queimados nos campos de concentração.

Em suma *O menino do Pijama Listrado* de fato é uma representação ficcional sobre a Segunda Guerra Mundial, que possibilita uma discussão par além das que os historiadores fazem, sem se preocupar com as barreiras do verídico. Pesavento entende a representação como um dos grupos de suma importância da história. Para que haja a representação de certo momento histórico, faz-se necessário a

construção a partir do real, e/ou um *como se* (ISER, 1996), logo a representação não é vista como cópia do real, mas sim como uma construção baseada nessa realidade.

### Considerações Finais

Indubitavelmente, a análise proposta por essa pesquisa é de suma importância entender que o objeto Holocausto se mostra como um desafio para os artistas que o utilizam como base para sua arte. Se posicionar diante da dor dos outros é a forma de assimilar as diversas atrocidades que um indivíduo é capaz de realizar contra outro. Dessa maneira, o leitor que se debruça em *Maus* e o espectador que se envolve em *O menino de pijama listrado*, percebem inquietantemente as distintas crueldades cometidas pelo homem.

Ao ler *Maus*, se torna impossível não se comover com o sofrimento que *Vladek* e *Anja* passaram em Auchwitz, e com os vestígios que a guerra deixou, tanto neles como na personalidade de seu filho Art. E conseqüentemente também não tem como não se sensibilizar com a visão ingênua sobre a guerra de *Bruno*, e aonde essa visão o levou.

### Agradecimentos

Agradeço em primeiro lugar a minha orientadora por todo auxílio e disponibilidade para o desenvolvimento desse trabalho. Segundo, ao BIC/UEG pelo auxílio financeiro que viabiliza o desenvolvimento da pesquisa. E em terceiro Agradeço a todo grupo organizacional do III Congresso de Ensino, Pesquisa e Extensão pela realização e um evento de suma importância para todas as pesquisas desenvolvidas pelos discentes da Universidade Estadual de Goiás.

### Referências

ARISTÓTELES. **Poética**. Trad., Pref., Introd., Com., Apend. de Eudoro de Sousa. Porto Alegre: Globo, 1966.

BARTHES, Roland. O efeito de real. In: **O rumor da língua**. Trad. Mário Laranjeira. São Paulo: Cultrix, 2004.

**BASTARDOS Inglórios**. Direção: Quentin Tarantino. Roteiro: Quentin Tarantino. Elenco: Brad Pitt, Eli Roth, Mélanie Laurent, Diane Kruger, Christoph Waltz, Daniel Brühl, August Diehl, Mike Myers. EUA/Alemanha, 2009. 153 min, son, color.

BENJAMIN, Walter. **Magia e técnica, arte e política**. Obras Escolhidas I. São Paulo: Brasiliense, 1985.

BULHÕES, Marcelo. **A ficção nas mídias** – um curso sobre a narrativa. São Paulo: Ática, 2009

EISNER, Will. **Quadrinhos e arte sequencial**. Trad: Luís Carlos Borges. 3 ed. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

FINKELSTEN, Norman Gary. **A indústria do Holocausto**: reflexões sobre a exploração do sofrimento dos judeus. Trad: Vera Gertel. Rio de Janeiro: Record, 2001.

FLUSSER, Vilém. **Filosofia da caixa preta**. Ensaios para uma futura filosofia da fotografia. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2002.

\_\_\_\_\_. **Língua e Realidade**. São Paulo: Annablume, 2007a.

HITLER, Adolf. **Minha luta**. Trad: Jaudefroy-Demombienes e A. Calmanttes. Paris, Nouvelles: Latines, 1934.

ISER, Wolfgang. **Os atos de fingir ou o que é fictício no texto ficcional**. In: COSTA LIMA, Luiz. **Teoria da literatura em suas fontes**. Rio de Janeiro: Francisco Alves vol. 2, 1996.

**LA vita é bela**, Roberto Benigni. Itália. Imagem filmes. 1988. 87 min.

MACHADO, Arlindo. **Arte e mídia**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2010.

\_\_\_\_\_. *O sujeito na tela*. São Paulo: Paulus, 2007.

MÜLLER, Adalberto. **Além da literatura, quem do cinema?** Considerações sobre a intermedialidade”. In: *Estudos de cinema*. São Paulo: Annablume; Socine, 2007.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. **História & História Cultural**. 2<sup>o</sup> ed. – Belo Horizonte: Autêntica, 2008

SANTOS, L.A. Brandão; OLIVEIRA, S. P. **Sujeito, tempo e espaços ficcionais**. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

SPIEGELMAN, Art. **Maus**: a história de um sobrevivente. Trad: Antônio de Macedo Soares. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.



III Congresso de Ensino, Pesquisa e Extensão da UEG  
**Inovação: Inclusão Social e Direitos**  
19 a 21 de outubro de 2016  
Pirenópolis - Goiás

**THE Boy in the striped pyjamas.** Mark Herman. Reino Unido, EUA. Imagem Filmes. 2008. 94 min.

ZUMTHOR, Paul. **Performance, recepção e leitura.** São Paulo: EDUC, 2000.